ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

Ex 1
C 92569328

NEM TODO MUNDO FALA ASSIM

Sabrina Ferro Cervelati

81'27
C419n

não
BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº 6623
Data 31/01/02

Pontes e Lacerda
2001

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

NEM TODO MUNDO FALA ASSIM

Ensaio Monográfico para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda.

Pontes e Lacerda
2001

"Saber português não é aprender regras que só existem numa língua artificial usada pela escola. As variantes não são feias ou bonitas, erradas ou certas, deselegantes ou elegantes. São simplesmente diferentes... A variação é inerente às línguas".

(José Luiz Fiorin)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a inteligência e a capacidade para a realização deste trabalho.

A minha orientadora, professora Cleunice Maria de Andrade Silva, que carinhosamente apoiou-me e esteve ao meu lado dando auxílio na construção deste ensaio monográfico.

Aos meus pais, irmãos, familiares, amigos, colegas de sala que direta ou indiretamente ajudaram-me a manter a tranqüilidade nos momentos mais difíceis.

Aos professores e funcionários da UNEMAT que colaboraram para o meu crescimento intelectual e profissional.

Obrigada a todos!

DEDICATÓRIA

Dedico este meu trabalho a minha orientadora, professora Cleunice, que prontificou-se a ajudar-me quando pensei que tudo estivesse perdido, e a todas as pessoas que colaboraram para que este trabalho fosse realizado.

SUMÁRIO

Apresentação 07

O que é língua-padrão? 08

Sistematização de dados 12

Nem todo mundo fala assim 13

Considerações finais 18

Bibliografia 19

Anexos 21

APRESENTAÇÃO

Este ensaio monográfico surgiu da nossa indignação ao lermos o artigo *Todo mundo fala assim,* de Leonardo Coutinho, publicado na revista Veja do dia 25 de julho de 2001, que fala sobre a criação de uma nova gramática denominada Gramática do Português Culto Falado.

Ao lermos a matéria, observamos que a pesquisa feita para a realização deste novo manual abrange apenas alguns estados e a partir daí, resolvemos então fazer uma pesquisa com cinco pessoas para constatar a funcionalidade da língua-padrão.

Para a análise dos dados obtidos na pesquisa que realizamos e o confronto do artigo, considerado aqui como o *corpus* deste trabalho, buscamos o apoio teórico de alguns gramáticos e lingüistas a fim de refletirmos um pouco mais sobre o ***falar correto.***

O resultado de nossa pesquisa, assim como a opinião dos estudiosos acima citados sobre a língua-padrão e o ***falar correto,*** estão demonstrados neste trabalho.

Sugerimos que o leitor tire suas próprias conclusões sobre o tratamento que é dado ao ensino da língua.

O QUE É LÍNGUA-PADRÃO?

Temos a pretensão de analisar o artigo publicado pela revista Veja (nº 1710, com data de 25 de julho de 2001), cujo a matéria é denominada *Todo mundo fala assim*, escrita por Leonardo Coutinho.

Antes, porém, tomaremos como base alguns pressupostos teóricos que abordam a língua-padrão.

Segundo o dicionário Aurélio, a palavra língua tem várias definições, citaremos aqui apenas aquelas que condizem com o contexto do assunto que iremos abordar.

> ***Língua.*** *[Do lat. Lingua.]. S. f. 1. Palavras e expressões usadas por um povo, por uma nação, e o conjunto de regras da sua gramática, idioma. 2. A linguagem própria de uma pessoa ou de um grupo. 3. Sistema de signos que permite a comunicação entre os membros de uma comunidade. (FERREIRA. 1986: 1034-5).*

Ainda segundo o mesmo dicionário, a palavra padrão significa:

> ***Padrão.*** *[Do lat. Patronu, 'protetor'.] S. m. 1. Aquilo que serve de base ou norma para avaliação de qualidade ou quantidade. 2. Qualquer objeto que serve de modelo à feitura de outro. 3. Fig. Modelo, exemplo, protótipo, arquétipo. 4. Nível, qualidade, gabarito. (IDEM: 1245).*

Conforme verificamos nas afirmações acima, o conceito de língua-padrão é muito amplo e assim sendo, buscaremos o apoio teórico em alguns estudiosos do assunto, entre eles: lingüistas e gramáticos.

Veremos que há algumas diferenças entre os conceitos dos lingüistas (que estudam a língua, sua evolução, suas variantes etc) e dos gramáticos (que acreditam que as pessoas precisam falar e escrever "corretamente").

Bagno (2001:39) afirma que, para os lingüistas, *a norma culta é o conjunto de usos lingüísticos dos falantes cultos de um país, de uma região ou de uma cidade.*

No entanto, o referido autor acredita que no conceito dos tradicionalistas, o que a própria palavra língua-padrão indica, não é uma língua, mas sim um modelo de língua, um ideal de língua, um padrão de comportamento lingüístico que supostamente, deveria ser seguido por todos os falantes do idioma toda vez que vão usar a língua para falar ou escrever.

Após pesquisas realizadas em algumas gramáticas, podemos dizer que a maioria delas traz basicamente o mesmo conceito de língua-padrão.

Segundo Nicola & Infante (1994:22), *a língua-padrão prende-se aos modelos e normas da Gramática Tradicional e é empregada pelas elites sociais escolarizadas. É a modalidade tomada como padrão de ensino e nela se redigem os textos e documentos oficiais do país.*

Ainda conceituando, Câmara Jr (1974:281) diz que *a língua culta é aquela nos estados políticos solidamente constituídos, tende a se estabelecer como padrão de linguagem que as camadas oficiais e a escola difundem por meio de técnicas variadas.*

Além dessas definições citadas acima, encontramos a de Travaglia que julgamos ser preconceituosa, pois ele afirma que tudo o que foge a língua-padrão é errado e que a língua só possui uma variedade: a padrão.

Nas palavras dele:

> *A variedade dita padrão deve ser seguida por todos cidadãos falantes dessa língua para não contribuir com a degeneração da língua de seu país. A gramática só trata da variedade de língua que se considerou como norma culta, fazendo uma descrição dessa variedade e considerando erro tudo o que é usado nessa variedade de língua (...) que é baseada no uso consagrado pelos bons escritores e, portanto, ignoram as características da língua oral.* (TRAVAGLIA, 1997:24-5).

Através dos conceitos citados anteriormente, percebemos que os gramáticos têm uma visão taxativa sobre o que é língua-padrão. Ainda definindo o mesmo assunto, veremos a seguir a opinião dos lingüistas Marcos Bagno, Sírio Possenti, o estudioso da Gramática Descritiva, Mário Perini (que aborda as questões gramaticais numa perspectiva mais ampla) e outros estudiosos da língua.

Para Bagno (1998), *o português padrão é a língua falada pelas pessoas que detém o poder político e econômico e estão nas classes sociais mais privilegiadas, que nós sabemos que é uma pequena minoria na população do Brasil.*

Perini (2001:23) considera o padrão geral, *como aquela variedade da língua que se manifesta de maneira uniforme nos textos técnicos e jornalísticos de todo o país.*

A diferença entre a língua-padrão vista pelos gramáticos e pelos lingüistas é bem acentuada. Podemos perceber que para Nicola, Câmara Jr, Travaglia e outros, a língua-padrão deve ser ensinada como única, verdadeira e correta. Para os lingüistas, devemos aprender a língua-padrão sim, mas sabendo que ela é apenas uma das variedades existentes e que é utilizada pela minoria da população brasileira.

Vimos que na visão dos estudiosos lingüistas, não existe uma língua única, pois somos filhos de uma terra que possui várias origens: Portugal (colonizadores), África

(escravos dos colonos) e Índios (nativos, que já viviam no Brasil antes da chegada dos portugueses).

Marcuschi (in Dionísio & Bezerra, 2001:74) aborda a questão da variação da língua de forma que consideramos eficaz quando afirma que *toda língua é variada, multifacetada, heterogênea, não monolítica nem uniforme.*

Para ele, *a visão monolítica da língua leva a postular um dialeto de fala padrão calcada na escrita, sem maior atenção para as relações de influências mútuas entre fala e escrita.*

Existe um preconceito muito grande em relação à língua oral não-padrão. Parece absurdo, mas ainda hoje, muitas pessoas sofrem discriminação lingüística e social por não saberem expressar-se da maneira considerada por alguns, como "correta".

Bagno (2001), diz que *a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização, etc.*

Segundo ele, parece que a escola esqueceu que a língua segue seu curso, isto é, evolui naturalmente, se transforma, queiram os gramáticos ou não. Não podemos fugir da realidade, os alunos precisam saber como anda a situação lingüística do nosso país. É importante que eles saibam identificar as diferentes variedades existentes (quando a língua é oral ou escrita, formal ou informal, padrão ou não-padrão, rural ou urbana, literária ou não-literária) e em que situações elas podem ser utilizadas.

Ainda de acordo com os pressupostos teóricos do referido autor, precisamos saber que a nossa língua materna, àquela que aprendemos com nossos pais, não é errada, é apenas uma variedade e é tão valiosa quanto à língua aprendida na escola.

Para Possenti (in Geraldi, 2000:33), *a tese de que não se deve ensinar ou exigir o domínio do dialeto padrão dos alunos que conhecem e usam dialetos não padrões, baseia-se no preconceito segundo o qual seria difícil aprender o padrão,* o que o autor acredita ser falso, pois ele afirma que *não ensinar o padrão equivale a tirar o português das escolas.*

Nesse sentido podemos dizer que não existe uma variedade "certa", única, mas que em cada situação de comunicação (entrevista para empregos, conversa entre amigos, discurso político, pedido de informação na rua, exposição de uma pesquisa etc.) usamos uma variedade própria, que é a adequada naquele momento.

É com base nos pressupostos teóricos mencionados que estaremos analisando o artigo de Leonardo Coutinho *Todo mundo fala assim*. Para tanto fizemos antes uma entrevista com cinco pessoas, a fim de constatar a opinião delas sobre a funcionalidade da língua-padrão.

SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

Para a realização da análise do artigo *Todo mundo fala* assim, de Leonardo Coutinho, publicado na revista Veja nº 1710, resolvemos fazer uma pequena pesquisa (com cinco pessoas), para isto, elaboramos duas questões objetivas:

- A linguagem que você utiliza em seu ambiente de trabalho é a mesma da sua casa? Justifique.
- Você acha necessário o ensino de língua-padrão? Por quê?

Após a coleta de dados, buscamos o apoio teórico dos estudiosos da língua para confrontarmos a teoria e a prática.

A escolha das pessoas que participaram da pesquisa ocorreu de maneira aleatória.

Com o objetivo de preservar a identidade dos entrevistados não citaremos os nomes dos mesmos.

NEM TODO MUNDO FALA ASSIM

Com base nas reflexões sobre a língua-padrão feitas anteriormente, faremos um breve comentário sobre o conteúdo da matéria *Todo mundo fala assim*, redigida por Leonardo Coutinho e publicada na revista Veja (nº 1710, do dia 25 de julho de 2001).

A referida matéria enfoca o lançamento de uma nova gramática, preparada por especialistas de doze universidades. Segundo Leonardo Coutinho o novo manual, *não revoga as normas da boa sintaxe, apenas identifica a lógica gramatical praticada no dia-a-dia por pessoas instruídas até o curso superior*. Esta gramática foi denominada *Gramática do Português Culto Falado no Brasil.*

Um aspecto relevante para a reflexão que faremos adiante, está relacionado à forma, isto é, aos caminhos que foram utilizados na elaboração dessa gramática. A reportagem diz que 2 356 pessoas foram entrevistadas em Salvador, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

Segundo Ataliba de Castilho, coordenador do projeto da referida gramática, o objetivo da pesquisa *era descobrir como se fala corretamente no Brasil.*

De antemão questionamos: se o objeto central da pesquisa era constatar a fala correta dos brasileiros, então por que apenas cinco capitais participaram dela?

De acordo com os dados da matéria, essas capitais foram escolhidas porque apresentam a fala com características identificáveis. Ao lermos este posicionamento, indagamos então por que cidades como Vila Bela da Santíssima Trindade, Cáceres, Poconé – MT, algumas de Minas Gerais, Maranhão, Acre e tantas outras que possuem uma fala perfeitamente identificável não participaram da referida pesquisa? E por que generalizar dizendo que graças a essa obra ***todos os brasileiros*** *se tornarão o primeiro povo (...) a ter sua linguagem debulhada e sistematizada*, sendo que nossa região não participou da pesquisa?

Na nossa visão, não há como debulhar e sistematizar a linguagem como um todo, pois a fala é livre de qualquer regra, é heterogênea, não é estanque, por mais que haja uma interação entre as pessoas, cada um tem uma fala própria, que se desenvolve a partir de vários fatores, tais como: físicos, a convivência familiar, com os colegas, a escolarização, a época em que se vive, em que situação se encontra, a interação, etc.

Coutinho fala que essa nova Gramática *é um livro que mostra o jeito como a gente conversa.* No entanto não participamos da pesquisa, e assim não podemos aceitar que a minoria dos brasileiros que participou responda por todo o Brasil.

Queremos registrar aqui, nossa indignação perante o posicionamento defendido pelo coordenador do projeto, uma vez que ele acredita que a escola deve respeitar o pré-conhecimento lingüístico do aluno e que a partir daí ela deve ensinar a língua-padrão como uma das variedades existentes. Nas palavras dele:

> (...) *a língua que aprendemos com nossos pais é o ponto de partida para se adquirir novas habilidades (...) Com ela nos confundimos, e nela encontramos nossa identidade. Ver considerado na escola seu modo próprio de falar, ser sensibilizado para a aceitação da variedade lingüística que flui da boca do outro, saber escolher a variedade adequada a cada situação (...) são os ideais da formação lingüística do cidadão numa sociedade democrática.* (CASTILHO, 1998:21).

De acordo com a pesquisa que realizamos (anexos), as pessoas usam uma linguagem diferente de acordo com o local em que estão e com a posição que exercem. Todas as pessoas entrevistadas responderam que a linguagem que utilizam no trabalho é bem diferente daquela que usam em casa. Eles afirmam que quando estão em seus lares, com a família e com os amigos, sentem-se livres, isto é, descompromissados do emprego da norma culta, já quando estão no trabalho, precisam ter uma postura mais formal.

Em resposta ao questionamento: a linguagem que você utiliza em seu ambiente de trabalho é a mesma da sua casa? Um dos entrevistados disse: *posso afirmar que não, pois no ambiente que trabalho tenho que, na maioria das vezes, ser um tanto "formal", ao contrário de quando estou em casa com parentes e amigos.* (Mantida a grafia original).

Cremos que isso aconteça porque o *escrever* e o *falar* culto já fazem parte da nossa sociedade desde a época dos primeiros escritores literários que elaboravam melhor seus textos.

Para confirmar isso, encontramos uma frase de Travaglia (1997:24) na qual ele afirma que a língua-padrão *é baseada no uso consagrado pelos bons escritores e, portanto, ignoram as características da língua oral.*

Ao afirmar que a língua é baseada no uso consagrado pelos bons escritores, cremos que o autor esteja reportando-se à origem da gramática que tinha somente a pretensão de "padronizar" a escrita literária, mas que hoje atinge maiores proporções, tomando conta até do nosso falar.

Retornando-nos à reportagem de Coutinho, vemos um aspecto intrigante que é a vontade de muitos estudiosos em padronizar nossa língua. Como fazer isso se sabemos que em nosso país existem duas línguas distintas, a Língua Portuguesa *escrita* e a *falada*, e ainda, dentro de cada uma temos subdivisões? Temos as variações lingüísticas que

se devem à influência das regiões, das classes sociais, da personalidade de cada indivíduo, da posição social, da interação com quem se fala, etc. Não podemos tratar a língua falada como algo único.

Azevedo (in Dionísio & Bezerra, 1996:75) diz que *as línguas não são uniformes; refletem as diferenças entre os grupos de falantes e as diversas situações em que a fala ou a escrita ocorrem.*

No sentido apresentado, vemos que não há uma variedade "correta". Para Possenti (in Dionísio & Bezerra, 1996:74), *todas as línguas variam, isto é, não existe uma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma.*

Com base em informações como esta é que questionamos o porquê de uma Gramática do Português Culto Falado, já que sabemos que a fala é livre. Temos que ter sempre em mente a interação com o nosso interlocutor, nesse sentido, o mais importante é comunicar-se e ser entendido pelos outros.

Segundo Perini (2000:35), *a língua que aprendemos com nossos pais, irmãos e avós é a mesma que falamos, mas não é a que escrevemos.* De acordo com as palavras de Perini fala e escrita são distintas. Daí a nossa estranheza pela matéria de Coutinho e principalmente pelo posicionamento defendido pelos idealizadores da Gramática do Português Culto Falado no Brasil.

Vemos que a supremacia da norma culta é o que impera em nosso país, isso é tão contundente que os "estudiosos" chegam a ponto de pensarem uma "gramática", só esta palavra já impõe respeito para o Português Culto falado.

Segundo o Art. 5º da Constituição Federal (CF), *todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza.* Então por que essa mesma lei é regida numa língua que poucos conseguem entender?

Se realmente *todos fossem iguais sem distinção de qualquer natureza,* toda a população brasileira teria participado dessa pesquisa realizada para a elaboração dessa nova gramática. Por que montar uma gramática que não faz parte da realidade do Brasil inteiro e que só servirá para algumas regiões?

Cremos que tais questionamentos são feitos porque a sociedade, como já dissemos, só privilegia o *falar* e o *escrever* tidos como *cultos*, ou seja, estabelece um *padrão* uniforme para todos, independentemente da posição social ou do nível de escolaridade do falante da língua. No caso específico do referido artigo, fomos nivelados com o ensino superior, o que não reflete a realidade do país.

De volta à CF, no referido artigo, inciso IX, lemos: *é livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença.*

Se realmente é livre a expressão de "comunicação", por que as variedades lingüísticas são consideradas erradas? Por que Coutinho afirma que *vem aí uma nova gramática anistiando os principais desvios da linguagem oral*?

Acreditamos que isso ocorra porque na realidade a prática é bem diferente da teoria. A língua não está "morta", ela se transforma com o passar do tempo, uma prova disso é a palavra *caráter* era escrita *carácter*, hoje, após o advento da informática, não a escrevemos mais utilizando a letra *c* antes do *t*, pois *caracter* agora significa qualquer uma das teclas de um computador. Antigamente às pessoas falavam e escreviam o *Vosmecê*, que posteriormente passou a ser *você* e que hoje dizemos apenas *cê*. (ex: Cê vai sair hoje?). Vemos pelos exemplos que se a língua escrita se transforma com o passar do tempo, a oral muito mais. Não há uma forma de anistiar a linguagem oral, pois ela é livre, como já foi dito anteriormente ela é descompromissada.

Depois de dizer que o novo manual anistia os desvios da linguagem, Coutinho faz questão de ressaltar: *Mas atenção: o português continua a merecer respeito.*

A partir dessas observações do autor, podemos dizer que ele é um defensor da gramática tradicional, principalmente porque ele afirma que essa nova gramática *é um habeas-corpus para uma infinidade de pecados gramaticais.*

A partir desse pressuposto, observamos que Coutinho, para amenizar suas afirmações em favor dessa gramática, deixa elementos abertos em seu texto para que possa se defender de um eventual questionamento. Encontramos no texto de Coutinho algumas palavras e expressões que não fazem parte da norma culta, mas que são muito utilizadas tanto na fala quanto na escrita (ex_s.: vai ter, a gente, andam falando, etc).

Um dos entrevistados da pesquisa que realizamos (anexo V) afirma que *faz se necessário o ensino da língua-padrão devido à linguagem dos livros e as leis estarem escritas nessa norma padrão.*

Acreditamos que isso aconteça até hoje porque a escola realmente ensina apenas a variedade padrão. Sabemos que muitas propostas novas surgiram para melhorar a qualidade de ensino, mas que só funcionam na teoria, muitos professores ainda têm medo do novo, se acomodam e param no tempo.

De acordo com o PCN (in Dionísio & Bezerra,1997:12), item 1.4.2, o qual questiona sobre o papel da escola, *o problema do preconceito disseminado na sociedade em*

relação às falas dialetais deve ser enfrentado na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença.

Assim sendo, o importante é que a pessoa consiga falar adequadamente, é produzir sentido, isto é o efeito desejado.

Sabemos que o Português Culto Falado, só nos é exigido em poucas ocasiões: palestras, conferências, reuniões, audiências, etc. E mesmo assim, algumas vezes, escapam palavras que não são consideradas como cultas. Na verdade, se formos observar o nosso país como um todo, raramente encontramos o Português Culto Falado, o qual passa a ser utópico, se levarmos em consideração a quantidade de pessoas que o utilizam e em quais circunstâncias. Provavelmente, o Presidente Fernando Henrique Cardoso não usa o Português Culto Falado quando está conversando com seus familiares e amigos, mesmo porque essa linguagem é muito fria, mas quando ele vai pronunciar-se em rede nacional precisa usar uma fala mais elaborada. Este é um exemplo visível de como a língua varia dependendo da posição que ocupamos em relação às outras pessoas.

Voltando ao artigo, Coutinho procura enriquecer seu texto citando uma frase do renomado professor Evanildo Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras, que diz que *a educação lingüística tem de fazer de cada pessoa um poliglota em sua própria língua.*

Percebemos que ao redigir a matéria o autor faz com que os leitores da revista, sintam necessidade de adquirir o material para que possam se tornar pessoas cultas e bem vistas pela sociedade.

No entanto, não podemos deixar de ressaltar que o término da matéria tem um tom sarcástico: *Só é preciso avisar os mais afoitos que o insuportável uso que se vem fazendo do gerúndio (amanhã estarei fazendo ou ele vai estar falando, por exemplo) continua a ser um crime inafiançável contra o idioma,* se isso for realmente constatado como um crime, o próprio autor do artigo, de acordo com as palavras empregadas, poderá de antemão, considerar-se preso, pois por duas vezes ele usou o gerúndio na escrita que é sempre mais vigiada, imagine então na fala que é livre.

Coutinho encerra seu artigo assumindo seu posicionamento a favor da língua-padrão, defendendo a gramática tradicional, o que ao nosso ver, como dissemos anteriormente, é apenas uma das variedades existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os estudos realizados sobre a língua, com a pesquisa que realizamos e com a análise da matéria *Todo mundo fala assim,* vimos que precisamos reconhecer a grande diversidade do português falado no Brasil, e aceitar que existem várias formas de expressar-se, comunicar-se de acordo com o lugar em que nos encontramos, a quem estamos nos dirigindo etc, enfim, as pessoas precisam adotar um estilo de língua para cada situação comunicativa. É importante ter em mente que a língua oral não é estanque, possui uma grande variedade que se dá devido à região em que moramos, a posição social que ocupamos, ao grau de escolarização, etc.

Precisamos saber que a língua-padrão não é a única verdadeira, mas sim uma variação existente e importante para todos nós, portanto, nem todo mundo fala assim como prega a matéria escrita por Coutinho.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico*: o que é, como se faz. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. *Português ou brasileiro?* Um convite à pesquisa. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Princípios de lingüística geral.* 4. ed. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica, 1974.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português.* São Paulo: Contexto, 1998.

DIONISIO.Ângela Paiva & BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *O livro didático de Português:* múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. *Estrangeirismos*: guerras em torno da língua. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Olanda. *Novo dicionário da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula.* 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

NICOLA, José de. INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa.* 12. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português.* 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____. *Sofrendo a gramática*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino de gramática no 1° e 2° graus. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1998/ obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Luiz Eduardo Alves de Siqueira. – 25.ed. atualizada e ampliada - São Paulo:Saraiva, 2000.

Veja. *Todo Mundo fala assim*. N° 1710, 25/07/2001.

www.marcosbagno.com.br. *Nossa língua vai mal?* 1998.

ANEXOS

Gramática

Todo mundo fala assim

Vem aí uma gramática anistiando os principais desvios da linguagem oral. Mas atenção: o português continua a merecer respeito

Leonardo Coutinho

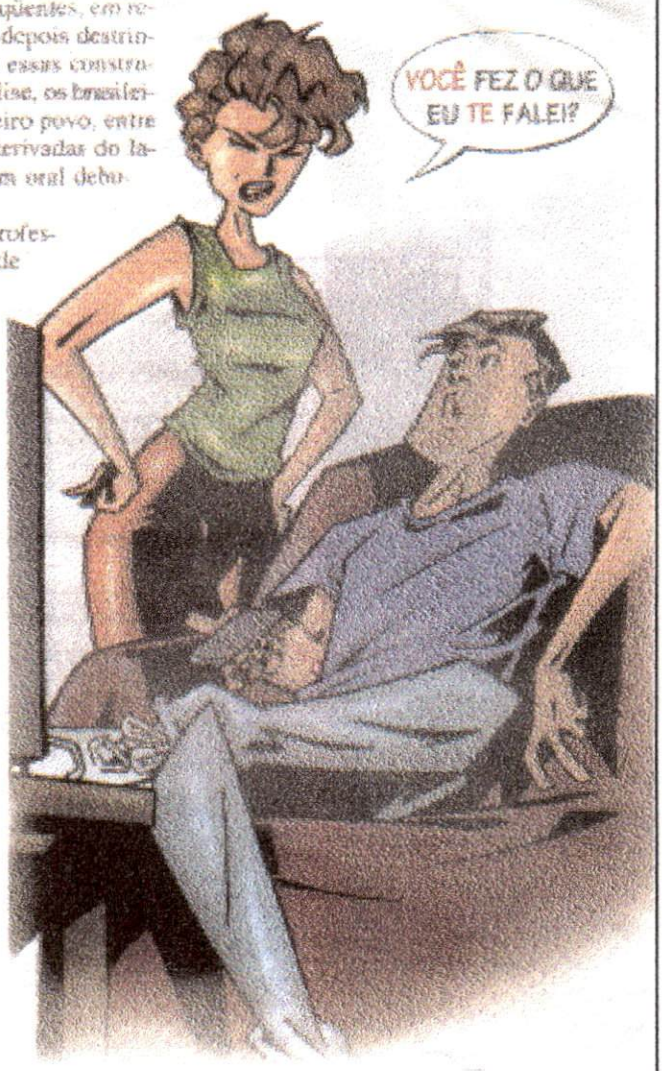
Dez horas ou deram dez horas? Hoje é quinze ou hoje são quinze? Assisti o filme ou assisti ao filme?*

A vida é cheia dessas dúvidas, principalmente quando se quer capricharr. Quem se angustia diante dessas questões vai ser uma surpresa e um alívio: vem aí um habeas-corpus para uma infinidade de pecados gramaticais, principalmente na língua falada. Será lançada no segundo semestre a *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, dando um carimbo acadêmico ao verdadeiro português utilizado pelos brasileiros. Preparado por especialistas de doze universidades, o trabalho não revoga as normas da boa sintaxe. Apenas identifica a lógica gramatical praticada no dia-a-dia por pessoas instruídas até o curso superior. Numa comparação simples, as gramáticas tradicionais baseiam suas regras nos textos dos melhores autores do idioma, enquanto esse novo trabalho desvenda o português que as pessoas de fato andam falando por aí. Pela tradicional lei da gramática, trata-se de um compêndio que analisa a estrutura da fala coloquial. Dito à maneira do estado: é um livro que mostra o jeito como a gente conversa.

"O objetivo era descobrir como se fala corretamente no Brasil", diz o coordenador do projeto, Ataliba de Castilho, presidente da Associação de Linguística e Filologia da América Latina. Isso deu um trabalhão. Em quase trinta anos de pesquisa, 32 estudiosos dissecaram mais de 1 500 horas de gravações feitas em cinco capitais brasileiras. Foram entrevistadas 2 356 pessoas com formação superior, cujos pais também nasceram nas capitais escolhidas para pesquisa: Salvador, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. A escolha não se deu porque se suponha que nessas cidades se fale mais corretamente, mas, sim, porque elas foram consideradas as que têm as características claramente identificáveis. "Dá para dizer, é assim que se fala em tal lugar", exemplifica Ataliba de Castilho. As gravações servirão para encontrar os desvios mais freqüentes, em relação à norma culta, e depois destrinchar a lógica que rege essas construções. Graças a essa análise, os brasileiros se tornarão o primeiro povo, entre os que falam línguas derivadas do latim, a ter sua linguagem oral debulhada e sistematizada.

No ano passado, a professora Maria Helena de Moura Neves, da Universidade Estadual Paulista, lançou sua *Gramática de Usos do Português* (Editora Unesp, 1 037 páginas, R$ 30,00), que analisa as estruturas mais correntes usadas nos jornais, na dramaturgia e na

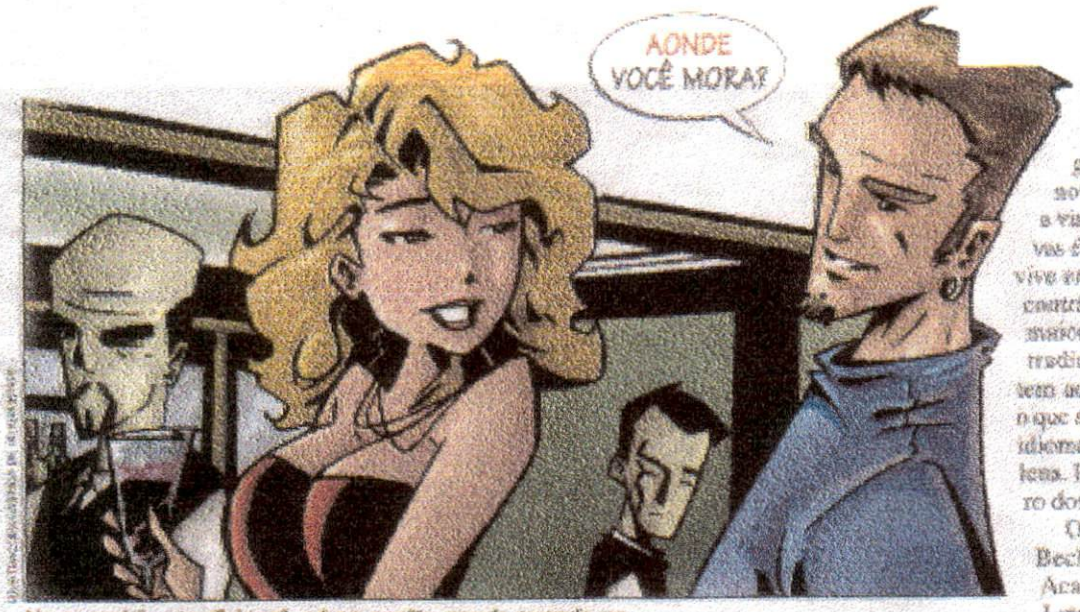
Quase todos ignoram, mas a norma culta manda chegar a algum lugar



Este é um caso de samba do pronome doido. A frase mistura a terceira pessoa do singular com a segunda

* De acordo com a gramática tradicional, o certo em cada caso é: "assisti ao filme" (o verbo assistir, no sentido de presenciar, pede a preposição a); "deram dez horas" e "hoje são quinze" (na ausência de sujeito, o verbo deve concordar com a palavra seguinte).

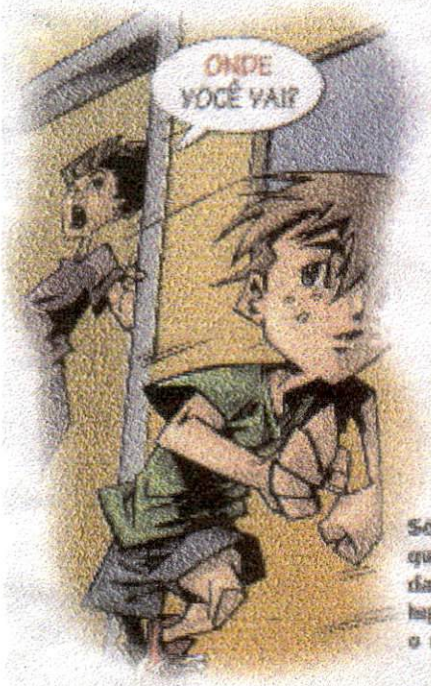
Anexo I



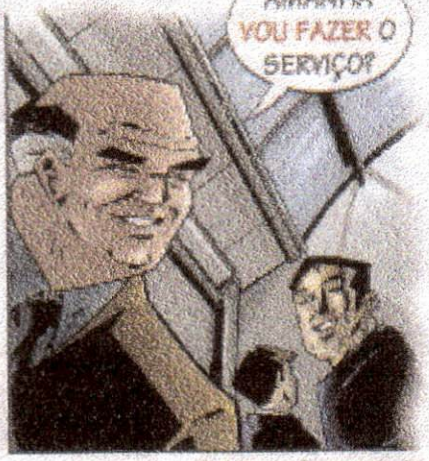
Na gramática tradicional, só se aceita *aonde* quando na expressão existe a idéia de destino, direção

literatura moderna. Ela integra o grupo que preparou o novo projeto e diz que a virtude dessas iniciativas é admitir que a língua vive em transformação, ao contrário do que se vê na maioria das gramáticas tradicionais. "Ninguém tem autoridade para dizer o que é certo ou não em um idioma", afirma Maria Helena. Isso cutuca o vespeiro dos beletristas.

O professor Evanildo Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras e considerado um dos maiores gramáticos brasileiros em atividade, dá sua apreciação sobre o resultado do projeto Norma Urbana Culta: "Desde a Antigüidade, a gramática foi sempre a registro dos fatos da língua observado no uso das pessoas, principalmente daquelas que podiam servir de modelo. O trabalho vem ratificar uma realidade já antes intuída e até trabalhada pelos estudiosos do passado. A verdadeira e saudável educação da competência lingüística é colocar ao alcance das pessoas o maior número de informações para o uso do idioma. Repito sempre que a educação lingüística tem de fazer de cada pessoa um políglota em sua própria língua". Numa tradução livre, o professor Bechara diz que não há nenhuma novidade no trabalho sobre a língua oral e que o melhor ensino do português continua sendo o tradicional. A partir do ano que vem, no entanto, as escolas poderão decidir se seguem ou não esse conselho. A primeira edição da nova gramática é apenas para professores e estudiosos, mas dentro de alguns meses sai um subproduto, voltado para estudantes, bem nos moldes dos gramáticos utilizados atualmente para o ensino do português. Só é preciso avisar aos mais afoitos que o insuportável uso que se vem fazendo do gerúndio (amanhã *estarei fazendo* ou ele vai *estar falando*, por exemplo) continua a ser um crime inafiançável contra o idioma. ■



Só se usa *onde* quando se quer dar a idéia de lugar. Neste caso, o certo é *aonde*



O futuro do presente é quase ignorado na linguagem oral. Pela norma culta, o certo é *farei*

O verbo *reter* deve ser conjugado como o verbo *ter*. Logo, o correto é *reiter*

ENTREVISTADO I

1 – A linguagem que você utiliza em seu ambiente de trabalho é a mesma da sua casa? Justifique.

R: *Posso afirmar que não, pois no ambiente em que trabalho tenho que, na maioria das vezes, ser um tanto "formal", ao contrário de quando estou em casa com parentes e amigos.*

2 – Você acha necessário o ensino da língua padrão? Por quê?

R: *Se tratando de língua escrita, acho extremamente necessário o ensino da língua-padrão, propriamente dita; mas quanto à fala, torna-se difícil dizer o mesmo, pois esta é muito mais "informal", principalmente no meio social em que vivemos. Em suma, acho legal ter que escrever corretamente, mas não ter que falar.*

OBS: Mantida a grafia original.

ENTREVISTADO II

1 – A linguagem que você utiliza em seu ambiente de trabalho é a mesma da sua casa? Justifique.

R: *Não. A linguagem que utilizo no dia-a-dia varia muito de lugar para lugar e de pessoa para pessoa; esta depende do espaço social em que eu estou inserida e da posição social que eu ocupo e a que ocupa o meu interlocutor. Também, acredito que na minha casa eu tenho maior, total, liberdade para fazer uso da minha subjetividade, trata-se do meu espaço, enquanto no ambiente de trabalho o espaço é social, nesse sentido, há toda uma seleção de palavras e diferentes entonações.*

2 – Você acha necessário o ensino da língua padrão? Por quê?

R: *Sim, pois a língua, enquanto fato social, é onde se dá a expressão máxima da cultura de um povo, assim, mesmo que não se faça uso da língua-padrão, é necessário conhece-la e saber utilizá-la.*

OBS: Mantida a grafia original.

ENTREVISTADO III

1 – A linguagem que você utiliza em seu ambiente de trabalho é a mesma da sua casa? Justifique.

R: *É muito relativo. No trabalho deparo com pessoas que já procuram uma linguagem culta, embora com algumas dificuldades.*

Já no lar há uma grande "variante", pois os integrantes da família ainda não são de uma escolaridade superior, em alguns casos nunca frequentou a escola. Ainda assim quando se fala gritantemente errado é o mesmo corrigido. Por outro ângulo quando tudo é descontração "todos" falam errado.

2 – Você acha necessário o ensino da língua padrão? Por quê?

R: *Somos seres dotados de inteligência devemos conhecer passado-futuro para melhorarmos o futuro.*

Saber a língua padrão é importante pois a história do homem está na comunicação e é o maior sinal de expressão. E ainda é uma maneira de garantir uma língua com menos mutação.

OBS: Mantida a grafia original.

ENTREVISTADO IV

1 – A linguagem que você utiliza em seu ambiente de trabalho é a mesma da sua casa? Justifique.

R: *Não, ambos são ambientes diferentes, com níveis de amizade e intimidade diferentes. Ademais, como o local onde trabalho e o próprio trabalho é formal, exige-se que também se utilize uma linguagem formal.*

2 – Você acha necessário o ensino da língua padrão? Por quê?

R: *Sim, embora sou contrário à valorização da norma culta em detrimento dos outros falares. Faz se necessário o ensino da língua padrão devido a linguagem dos livros e as leis estarem escritas nessa norma padrão. Porém, esse ensino deve se dar por um processo de repetição de regras sintáticas, mas de uma reflexão sobre a construção dos sentidos.*

OBS: Mantida a grafia original.

ENTREVISTADO V

1 – A linguagem que você utiliza em seu ambiente de trabalho é a mesma da sua casa? Justifique.

R: *Depende. Geralmente no trabalho temos uma postura mais séria, que exige uma elaboração maior na abordagem ao cliente. Mas isso também depende muito do perfil do cliente. Quando atendo uma pessoa de classe social mais baixa, a minha fala é de uma forma mais simples, não me preocupo muito como vou falar, mas quando se trata de um cliente mais "culto" tento falar da melhor forma possível. Quando se trata de um amigo que vai até meu trabalho, trato ele da mesma forma como o trato em minha casa. Tudo depende da pessoa com quem estamos falando. Mas geralmente no trabalho a fala tende a ser mais elaborada, enquanto que em casa temos liberdade de falar da maneira que achamos melhor, não nos preocupamos.*

2 – Você acha necessário o ensino da língua padrão? Por quê?

R: *Sim, a língua padrão é muito importante para o nosso crescimento cultural, intelectual, profissional etc. Só acho errada a forma como ela chega até os alunos. É importante sabermos que essa variedade não é a única e precisamos aprender a respeitar o modo de falar das outras pessoas.*

OBS: Mantida a grafia original.